

2014 - Moçambique: e os Bros. se desconvergem...

Moçambique: e os Bros. se "desconvergem" …
por: Eugénio Costa Almeida©

Até Outubro do ano passado, os moçambicanos com maior ou menor corrúpio mantinham uma estabilidade social e política interessante. Havia aqui ou ali alguns contratempos, algumas vozes mais críticas, alguns sectores sociais mais recalcitrantes e reivindicativos mas, no todo, tudo se processava com a normal intensidade de quem vive de e para o seu país e para o desenvolvimento de Moçambique. É certo que a dada altura o líder do maior partido da Oposição, Afonso Dhlakama decidiu voltar para as suas antigas bases na Gorongosa, denunciando alguma inflexibilidade política do poder em Maputo e contestando as linhas mestras das políticas eleitorais moçambicanas. Na prática, mais não era que Dhlakama estar a passar umas férias no mato junto dos seus companheiros e apoiantes; ou seja, tudo normal. Isto, até Outubro de 201 quando as forças militarizadas de Moçambique estatuíram o final desse período de ócio; para estas a forma como Dhlakama se movimentava nas terras da Gorongosa ultrapassavam meros encontros políticos como, tão-só, havia uma tentativa de restaurar a sua influência político-militar na região o que, na concepção das autoridades em Maputo dever-se-ia pôr fim a essas movimentações e restaurar, segundo estas, a soberania completa do país. Para isso, as forças militarizadas de Moçambique invadiram e ocuparam o campo de Sathundjira onde se sedava o líder da perdiz. Ora, naturalmente, estas movimentações político-militares desencadearam retaliações e contra-retaliações de ambas as partes com naturais prejuízos para a vida social e económica dos moçambicanos. As críticas vozes que se têm levantado aliadas às que defendem um compromisso imediato entre as duas partes litigantes – acresce que se uma está bem armada, as forças de Defesa de Moçambique, já as da Renamo nem por isso são supostas estarem – exigem que os líderes políticos, no caso o Presidente de Moçambique, senhor Armando Guebuza, e o da Renamo, senhor Afonso Dhlakama se juntem e conversem frente-a-frente como duas pessoas e dois políticos inteligentes e práticos e coloquem os interesses nacionais acima dos seus interesses pessoais. Só que a realidade, ou a falta de bons interlocutores e bons assessores têm impedido esse desiderato; e Moçambique continua desde Outubro passado, ou seja, há quase 4 meses em estado de pré-conflito latente com os naturais e inoportáveis custos para a economia e estabilidade social e política. É certo que apesar do boicote da Renamo e das dúvidas antecedentes e posteriores ocorreram as eleições autárquicas com a presença não só da Frelimo, o partido maioritário e do poder, como do MDM e de outras forças políticas que passaram a ocupar cargos autárquicos em quase todo o país. Foi, reconhece-se, um revés político forte para a Renamo e para o seu líder. Todavia, sabe-se que ambas as partes e as forças sociais do país procuram que os dois líderes se reúnam e discutam. Só que também aqui as divergências são demais mas não creio que sejam insanáveis e inexequíveis. Enquanto Guebuza e a Frelimo desejam que o encontro seja entre as duas partes e debatido no seio dos dois grupos com o acompanhamento externo das forças sociais moçambicanas, ou seja, uma conversa entre dois irmãos que se desconvergem, Dhlakama e o partido da perdiz, bem como os seus assessores, querem que as conversações sejam conduzidas por personalidades exógenas, internacionais. Compreende-se ambas as partes, principalmente as desconfianças de Dhlakama no que são acompanhadas, não poucas vezes, por personalidades moçambicanas de outros quadrantes políticos; mas é preciso ter em linha de conta que a actual situação política e social de Moçambique não é a mesma de quando as duas partes assinaram o acordo de Paz de 1992 assinado em Roma, mediado pela Igreja Católica, pelos clérigos de Santo Egídio. Guebuza quer que as conversações sejam similares às que conduziram a Paz em Angola. Conversas directas entre os dois opositores, frente-a-frente e sem intermediários. Dhlakama, como se sabe não aceita. Só que as conversações que levaram à paz em Angola e à assinatura do Memorando de 4 de Abril de 2002, apesar de ter sido uma conversa intra-pares e entre irmãos, não deixou de ser uma conversa entre um vencedor e um acabrunhado movimento rebelde com a natural imposição dos termos de Paz serem tributados pela parte mais forte. Já no caso de Moçambique essa situação não se põe pelo que é aceitável que, levando em conta as desconfianças e o facto de ambos estarem em quase pé de igualdade, haja uma entidade conciliadora a mediar as duas partes. Se ambos estiveram em Santo Egídio e ambos lhe reconhecem credibilidade, porque não voltam a chamar os padres de Santo Egídio e também clérigos islâmicos, já que o Moçambique faz parte da Conferência Islâmica, para mediar o conflito? Por vezes é mais fácil e pertinente usar o que se conhece e “já se provou” do que tentar obter e fomentar novos ingredientes em “manjares” complexos e muito condimentados… Moçambique não pode esquecer que a África Austral já tem problemas que cheguem, e alguns bem graves, casos de Madagáscar e do Zimbabué, para lhe acrescentar outro, claramente obtuso e imponderado, onde tudo mais parece que um amuo entre Bros. com evidentes e inoportáveis reflexos para os seus concidadãos. Por vezes apetece expressar, “parem um pouco e pensem!” Não desconvirjam!

©Artigo de Opinião publicado no semanário angolano Novo Jornal, secção “1º Caderno” ed. 312 de 17-Janeiro-2014, pág. 22)